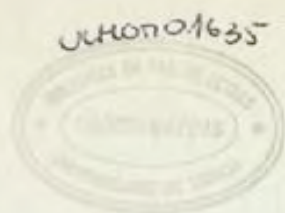




TEATRO



do Romantismo aos nossos dias: CENTO



*uma antologia
seleccionada, prefaciada e anotada
por*

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGUÊS

E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA

TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

do Romantismo aos nossos dias

1870

1871

1872

1873

1874

2.^o volume

João Pedro de Andrade

Nasceu em Ponte de Sor, a 13 de março de 1902.

Obras principais: *Teatro* — A outra face da vida (1934); *Cegos* (Conservatório Nacional, 1937); Continuação da comédia (in presença, 1939; representada em 1948 no Pátio das Comédias); *Transviados e Uma só vez na vida* (publicadas em livro em 1941); O saudoso extinto (*Estádio do Salitre*, 1947); A Inimiga dos Homens (1951); várias peças inéditas, entre as quais O lobo e o homem (1925), A ave branca (1927), A glória dos Césares (1933), Quatro Ventos (1945), Maré alta (1947) e Barro humano (1948).

Outras obras: *Ensaio* — O problema do romance português contemporâneo (1942); A poesia da moderníssima geração (1943).

Quando, em 1931, João Pedro de Andrade escreveu, sob a nítida influência de Pirandello, o breve acto a que pôs o nome de Continuação da comédia, a obra teatral do grande dramaturgo italiano era praticamente desconhecida entre nós. A companhia de Vera Vergani havia representado, alguns anos antes, as Seis personagens à procura de autor na língua original; António Ferro escolhera Uma verdade para cada um para constituir o espectáculo inaugural do seu «Teatro Novo», em 1925; e Alves da Cunha, desafiando a rotina e a inércia do meio, ousara interpretar o Henrique IV — mas nenhum destes espectáculos deixou qualquer sulco profundo na vida teatral portuguesa, que continuou sonolentemente amarrada a obsoletas convenções. No plano especulativo, Eduardo Scarlatti fora o primeiro a estudar a dramaturgia revolucionária de Pirandello, num ensaio recolhido no seu volume Ideias de outros, de 1927 — ano em que também José Régio publicou um notável estudo sobre as Seis personagens, nas páginas da presença. Mas em 1931 o autor de Vestir os nus esteve em Portugal, por ocasião de um congresso internacional de crítica, em que participou, e em cujo âmbito teve lugar a estreia mundial do seu acto único Sonho (mas talvez não). A composição da peça de João Pedro de Andrade, que data igualmente desse ano, seria uma outra forma de presença, entre nós, de Pirandello e das suas ideias dramáticas.

Anos depois, sobretudo na maré alta do experimentalismo posto na ordem do dia pelo «Estúdio do Salitre», a desmontagem da mecânica teatral, os diálogos entre o autor e as suas personagens, a dramatização do próprio processo da génese dramática, forneceram aos jovens autores matéria para um semi-número de obras; mas foi a de João Pedro de Andrade a primeira, com larga margem de antecendência, a integrar essa temática na literatura teatral portuguesa. Fê-lo, porém, o autor de Continuação da comédia, com uma originalidade própria, que nem sempre se adverte nos que por essa via o seguiram; e com uma louvável independência, de que a sua posterior obra dramática, inerecidamente pouco divulgada, dá significativo testemunho, na medida em que se emancipou do receituário pirandelliano para ferir outras notas, em que ressoa uma preocupação social bem vinculada, ainda que desprezada de quaisquer limitações partidárias.

Publicada em 1939, no primeiro número da segunda série da presença, a Continuação da comédia só em 3 de julho de 1948 obteve, graças aos «Companheiros do Pátio das Comédias», a sua realização cénica, tendo por intérpretes Maria Stela Solano (Elina), Armando Ventura Ferreira (Cláudio), Fernando Gusmão (Lúcio Marçal), João Faria Picão (Cesário Lucas), Carlos Costa (Paulo Stelo), António Martins (Fernando César) e Manuel de Oliveira (Baltasar Azevedo). Apresentada em 1957 na Televisão Portuguesa, Fernando Gusmão retomou o papel que criara, ao lado de Eunice Muñoz e Jacinto Ramos nas personagens de Elina e Cláudio.

João Pedro de Andrade

CONTINUAÇÃO DA COMÉDIA

«É preciso, bem entendido, deixar cair o pano depressa sobre o alegre desenlace, para que se não possa ver o que sucede em seguida.»

SCHOPENHAUER

Personagens:

LÚCIO MARÇAL.
CESÁRIO LUCAS.
PAULO STELO.
FERNANDO CÉSAR.
BALTASAR DE AZEVEDO.
ELINA.
CLÁUDIO.

(Gabinete de trabalho de um escritor. Elegância e sobriedade. Notas de arte. À esquerda, uma janela. À direita, um divã. Entram Lúcio, Cesário, Paulo, Fernando e Baltasar. Vêm animados todos, menos Lúcio. Falam e gesticulam ao mesmo tempo. Distinguem-se finais de frases:)

...desempenho excelente...
...a vivacidade extraordinária da Violante...
...E o Eduardo? Magistral...

CESÁRIO: Um pouco mais de sobriedade não lhe faria mal.

PAULO: A quem?

CESÁRIO: Ao Eduardo.

FERNANDO: A culpa é tua. Desde que, numa crítica, lhe chamaste grande actor, o pobre homem inchou, e passou a dizer tudo em tom grandiloquo.

BALTASAR: Na peça do Lúcio não há que dizer mal dele.

PAULO: Acho que só há a dizer bem.

BALTASAR: A opinião do Cesário não conta.

CESÁRIO: Porquê?

BALTASAR: Porque és um crítico. És obrigado a ter opinião. Logo, a tua opinião não é livre.

CESÁRIO: Perdão. Eu sou crítico só no teatro e no jornal. As opiniões que apresento num grupo de amigos nada têm que ver com a minha qualidade de crítico.

BALTASAR: Essa é boa. Nesse caso tens uma opinião para amigos...

PAULO: ...E outra para o público. *(Riem.)*

FERNANDO: Nada impede que, fazendo tu hoje essa restrição no desempenho do Eduar-

do, amanhã tornes a chamar-lhe grande actor.

CESÁRIO: Vocês não me compreendem. Quero dizer que falo entre vocês sem aquela adjectivação necessária ao...

BALTASAR: ...À vaidade dos nossos artistas.

CESÁRIO: Não... Ao bom acabamento dos períodos.

PAULO: Seja como for, acho que a peça do Lúcio está excelentemente desempenhada.

FERNANDO: Dir-se-ia que o Lúcio é que não pensa assim. *(Todos o olham.)*

BALTASAR: Estás macambúzio, Lúcio.

LÚCIO: Eu? Não. *(Tras um rolo de papéis na mão, coloca-o sobre uma secretária.)*

FERNANDO: Não te deixou boas recordações a noite da primeira?

LÚCIO: Magníficas.

PAULO: O entusiasmo do público foi sincero.

FERNANDO: E o desempenho, diga o que disser o nosso Cesário, é esplêndido.

Í N D I C E

Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa VII 657

<i>Introdução</i>	IX
1. <i>Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa</i>	XIII
2. <i>Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett</i>	XV
3. <i>Garrett e a restauração do teatro português</i>	XVI
4. <i>Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia Catão e a geração liberal de 1820 — O exílio</i>	XVII
5. <i>O Auto de Gil-Vicente, início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o Frei Luis de Sousa — As últimas peças de Garrett</i>	XIX
6. <i>O equívoco do teatro histórico ultra-romântico</i>	XXI
7. <i>O melodrama histórico da década de 1839-50</i>	XXIII
8. <i>O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo</i>	XXVIII
9. <i>A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo</i>	XXXII
10. <i>A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro</i>	XXXIII
11. <i>Outros encontros da «geração de 70» com o teatro</i>	XXXVII
12. <i>Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português</i>	XXXIX
13. <i>Revivescência do teatro histórico — A Pátria de Junqueiro</i>	XLI
14. <i>O realismo dos Velhos de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas</i>	XLV
15. <i>Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a opereta e a revista</i>	XLVII

16. <i>O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes</i>	XLVIII
17. <i>O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira</i>	L
18. <i>Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão</i>	LIII
19. <i>Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício</i>	LIV
20. <i>Situação do teatro português entre 1918 e 26</i>	LVI
21. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional</i>	LVIII
22. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: A sátira de costumes</i>	LIX
23. <i>O teatro de Alfredo Cortez</i>	LXII
24. <i>A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro</i>	LXIII
25. <i>O teatro português na década de 30</i>	LXV
26. <i>O modernismo no teatro português</i>	LXVIII
27. <i>O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental</i>	LXXII
28. <i>Situação actual do teatro português</i>	LXXIII
29. <i>O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos</i>	LXXVIII
30. <i>Conclusão</i>	LXXIX

Antologia:

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente	1
Gomes de Amorim: Figados de Tigre	21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa	53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Valflores	71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar	105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema	121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha	143
✕ Manuel Fernandes Laranjeira: ...Amanhã	171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre	189
Eduardo Schwalbach: Os Postigos	217
✕ Fernando Pessoa: O Marinheiro	275
Vitoriano Braga: Octávio	283
Carlos Selvagem: Entre Giestas	303
António Patrício: D. João e a Máscara	341
Ramada Curto: O homem que se arranjou	371
✕ Raul Brandão: O Avejão	397
António Botto: Alfama	403
Alfredo Cortez: Gladiadores	427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traíçoero	449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos	473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente	493

× <i>Alves Redol: Maria-Emília</i>	519
× <i>Branquinho da Fonseca: Curva do Céu</i>	529
<i>José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe</i>	535
× <i>Almada Negreiros: Antes de começar</i>	559
→ × <i>João Pedro de Andrade: Continuação da comédia</i>	567
× <i>Jorge de Sena: Amparo-de-Mãe</i>	575
× <i>Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte</i>	581
<i>Bernardo Santareno: A Promessa</i>	597
<i>Costa Ferreira: Um homem só</i>	623

Nota Final

Nota Bibliográfica

Índice dos Nomes Citados no Prefácio



Principais Correções

660

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
NO PREFÁCIO			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	incluído	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsidiante
NA ANTOLOGIA			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, <i>episódios em 1 acto</i> (1902); <i>O Rei Maldito, peça histórica em 5 actos</i> , e <i>A Noite do Calvário</i>
121	31	<i>solicitados, por</i>	<i>solicitados por</i>
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade (1953)	Voz da cidade (1952)
427	7	Henri Josset	André Josset
575	17	acusa	acusa
575	18-19	<i>épocas ad libitum, permutáveis</i>	<i>épocas, ad libitum permutáveis</i>
581	22	(1969)	(1961)
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.